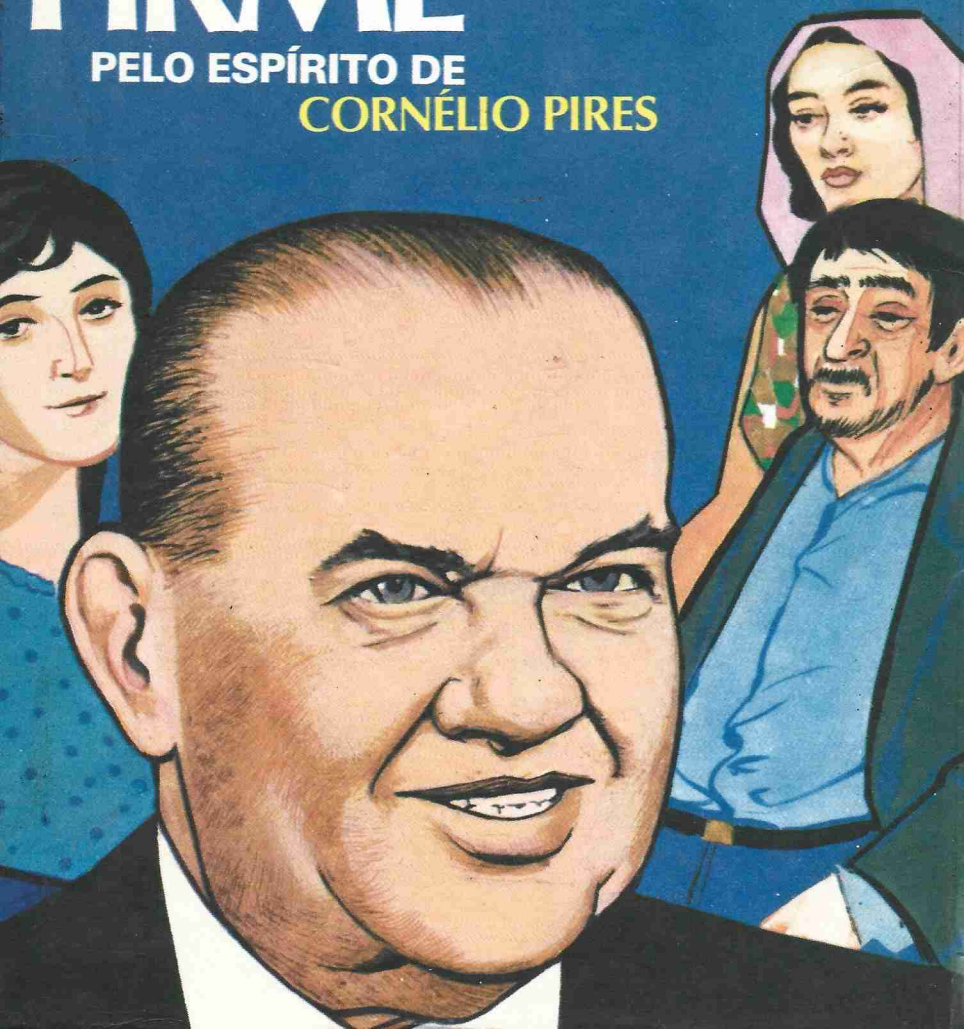


FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

# CONVERSA FIRME

PELO ESPÍRITO DE  
CORNÉLIO PIRES



**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER**

# **CONVERSA FIRME**

**PELO ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES**

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ ■ 1975**

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

# CONVERSA FIRME

PELO ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES ■ EDIÇÃO CEC ■ CAPA: MESSIAS ■ 1ª EDIÇÃO ■ 1975 ■ TIRAGEM 10.000

TEXTO E DIAGRAMAÇÃO: VIVALDO CUNHA BORGES

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ  
RUA PROF. EURÍPEDES BARSANULFO, 185  
38100/UBERABA-MG

## ÍNDICE

1-Assunto de Paz .....	11	11-Compromisso e União.....	91
2-Assunto de Salvação.....	19	12-Conflito e Nós .....	97
3-Penas depois da Morte .....	27	13-Corpo Terrestre .....	105
4-Assunto de Mediunidade .....	35	14-Dinheiro e Vida .....	113
5-Assunto de Incompreensão .....	43	15-Doença e Defesa.....	121
6-Assunto de Disciplina .....	53	16-Missão e Dívida .....	127
7-Arte e Abuso .....	61	17-Obsessão no Além .....	135
8-Assunto de Brigas .....	67	18-Questão de Mediunidade .....	143
9-Assunto de Descanso .....	75	19-Questão de Sorte .....	151
10-Assunto entre Amigos .....	83	20-Vivos e Mortos .....	159



## Conversa Firme

*Prezado leitor:*

*Nosso amigo Cornélio comparece ao encontro conosco neste livro para o diálogo que ele próprio nomeou como sendo "Conversa Firme".*

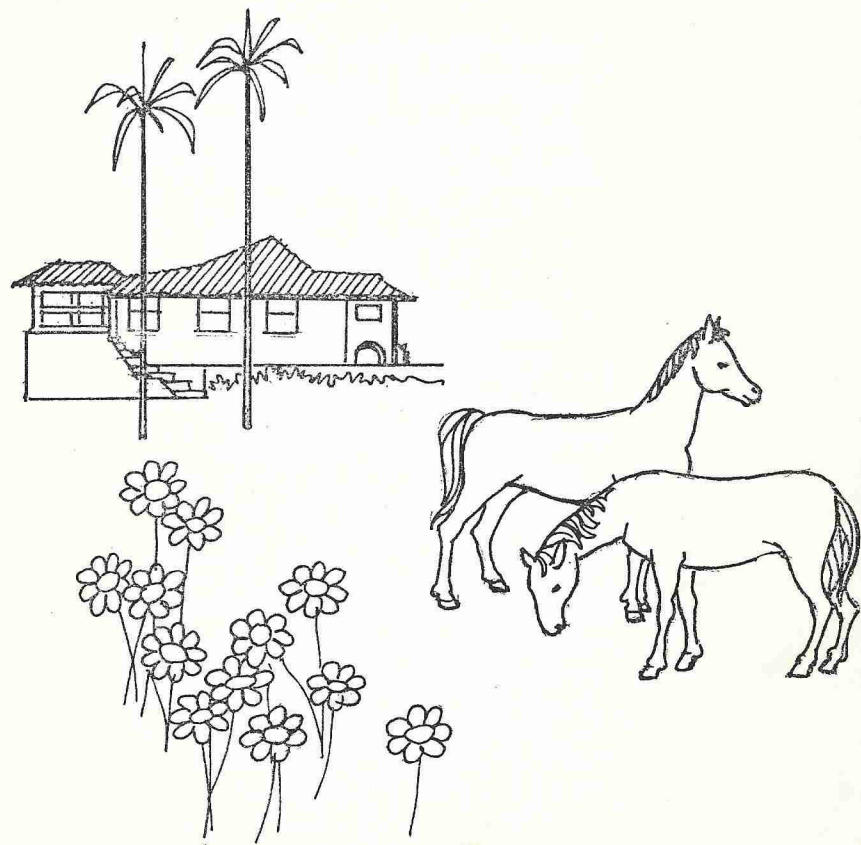
*Companheiro dedicado à verdade e ao amor, cuja palavra se articula em abençoada luz de compreensão, desejamos seja ele no contato contigo o mensageiro de reconforto e bom-ânimo, paz e alegria que tem sido para nós.*

*E, enquanto aprendemos e meditamos com o estimado irmão de sempre, como sempre, rogamos ao Senhor a todos nos inspire e nos abençoe.*

**EMMANUEL**

*Uberaba, 28 de julho de 1975.*

# 1 - ASSUNTO DE PAZ



Quer você saber agora  
Meu caro Zico Tomás,  
Que posso dizer do Além,  
Quanto ao assunto da paz.

Quantas vezes, meu amigo,  
Supúnhamos nós na Terra,  
Que a paz morasse na rede  
Da “casa branca da serra!...”

O quintal todo enfeitado  
De rosas e margaridas,  
O céu azul... As cigarras  
Musicando nossas vidas.

O mundo ao longe... Os cavalos  
Com montaria a nós dois,  
A viola, o cigarrinho  
E a mesa farta depois...

As histórias sobre a chuva  
O aroma do chão molhado,  
A conversinha de sempre,  
E os cães dormindo de lado!...

Relendo as suas palavras,  
Tudo me volta à lembrança...  
Quanta beleza de sonho,  
Quanto sonho de criança!...

Sem dúvida, tudo isso,  
É a paz da preparação,  
Memórias e ensinamentos  
De apoio à meditação!

A paz que nunca se afasta,  
Domínio jamais desfeito,  
É aquela que se constrói,  
Por dentro do próprio peito.

Hoje anoto esta verdade  
Que vejo mais clara agora!  
Segurança verdadeira  
Não se conquista por fora!...

Buscando a paz muita gente  
Estraga-se, desvaria...  
E acaba sempre em mais luta  
Nas lutas de cada dia.

Há quem rogue paz em ouro,  
Influência e reboliço,  
Sem entender que esses dons  
São forças para serviço.

Muitos voltam morro abaixo,  
Após a ilusão nos cimos,  
Nesses enganos de paz  
Quantos fracassos já vimos!...



Rogando apenas repouso,  
Conhecemos Dona Cissa,  
Somente achou a moleza  
De quem morre na preguiça.

Largou-se de todo encargo  
Nhô Tolentino do Avanço,  
Pedia paz e mais paz  
Depois morreu de descanso.

Neco buscando sossego  
Foi residir no Espigão,  
Logo após voltou do sítio,  
Picado de escorpião.

Saiu da cidade grande  
Nhô Marcelino Siqueira,  
Buscava a calma num morro,  
Caiu de uma ribanceira.

Queria viver tranqüilo,  
Nhô Benedito Morais,  
Adoeceu de repente  
Porque comia demais.

Fugiu de trabalho e luta  
Nosso Antonico da Praça,  
Descansou... Ficou mais triste,  
Depois tombou na cachaça.

Era feliz trabalhando  
Nosso amigo Hilarião  
Abandonando as tarefas,  
Perdeu-se na obsessão.

Queixando-se de fadiga  
Aposentou-se Nhô Bento,  
Entretanto, morreu logo  
Por falta de movimento.

Nhá Cota entrando em sossego,  
Regrava a própria comida,  
Em seguida enlouqueceu  
De tanto pensar na vida.

Zizina querendo paz  
Foi para a Roça da Lebre,  
Mas escondida num rancho  
Morreu tomada de febre.

Trabalhe quanto puder,  
Não largue a enxada do bem,  
Serviço ajudando aos outros  
Nunca feriu a ninguém.

Não caia nesses enganos,  
Desses casos que já vi,  
Que descanso sem razão  
Onde esteja, é isso aí.

## 2 - ASSUNTO DE SALVAÇÃO



Em carta, você pergunta,  
Meu caro Juca Assunção,  
Que posso dizer agora  
No assunto da salvação.

Sinceramente, meu caro,  
Sua consulta me aperta,  
Indagação desse naipe  
Exige resposta certa.

Acreditava em menino,  
De pensamento simplório  
Que os mortos encontrariam,  
Céu, inferno ou purgatório.

Crianças mortas no berço,  
Segundo o Mestre Corimbo,  
Ficariam resguardadas  
Num lugar chamado *limbo*.

Muito mais tarde, homem feito,  
Fui espírita de fé  
Acreditava no Além,  
Sem percebê-lo como é...

Agora posso falar  
Sem a palavra *talvez*,  
"Outro mundo" é qualquer mundo  
Depois do que já se fez.

A pessoa vai agindo  
Consciente ou inconsciente,  
Sem o corpo encontra logo  
O que carrega na mente.

Nhô Chico do Tatuí  
Viveu servindo a Jesus,  
Hoje acolhe os sofredores  
Em grande mansão de luz.

Dedicou-se ao bem dos outros,  
Dona Cocota Clemente,  
No Além, só se vê feliz  
Sendo mãe de muita gente.

Você conheceu comigo  
Dona Chiquita Rosenda,  
Sovina, depois de morta  
Vive agarrada à fazenda.

Desencarnado, o Jovino  
Que viveu de pinga e caça,  
É sempre visto onde tenha  
Tiro de chumbo ou cachaça.

Era agressivo e isolado  
Nosso amigo Altino Gama  
Depois da morte só pede  
Garrafa, silêncio e cama.



Caso triste o que encontrei  
Na gulosa Gabriela  
Sem corpo só vê à frente  
Fogão, quitute e panela.

Trocou família por pesca  
Nosso Nino Peñarol,  
Deslanchou do necrotério,  
Buscando vara de anzol.

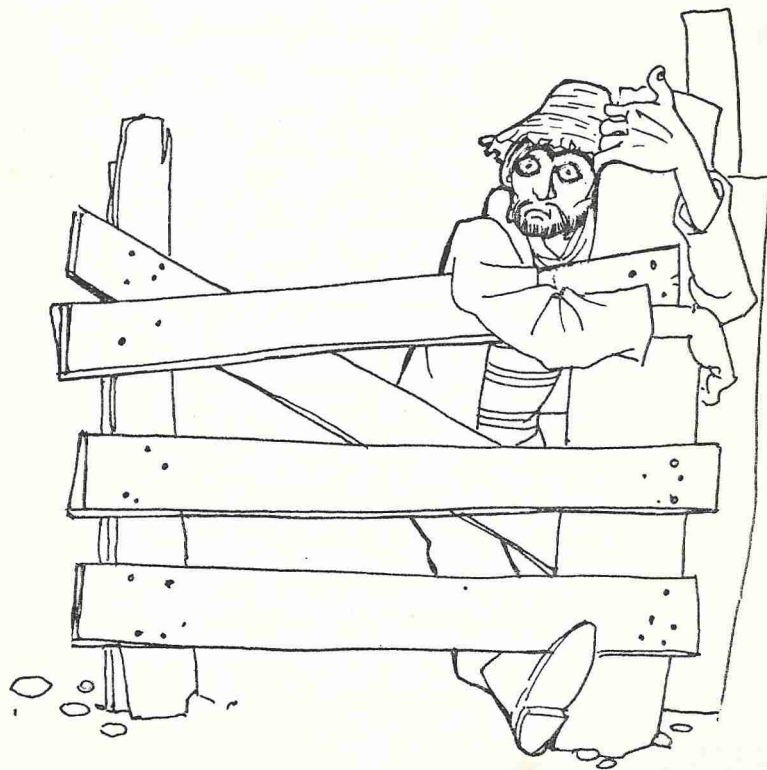
No baralho, foi-se a vida  
De Quinquim da Cabriúva,  
Hoje só pensa em jogar  
Seja no sol ou na chuva.

Há dias, achei na roça  
O avarento João Ribeiro,  
Ele agora ajunta pedras  
Pensando contar dinheiro.

Salvação? A lei demonstra,  
Tanto no Além quanto aqui,  
Cada qual vive onde está  
Como está dentro de si.

Pense no bem, faça o bem,  
Não se engane, caro irmão,  
Céu, inferno ou purgatório,  
Começam no coração.

# 3 - PENAS DEPOIS DA MORTE



Assunto difícil este,  
Meu caro Gino Salerno,  
Comentarmos de outra vida  
O que existe sobre o inferno.

Em tempos que já se foram,  
Eu também pensava assim:  
O inferno, depois da morte,  
Seria fogo sem fim.

Mais tarde, a luta crescendo,  
Olvidei o mundo antigo  
Mas nunca larguei de todo  
De certo medo a castigo.

Acreditava que a morte  
Depois de nossos fiascos,  
Colocasse à nossa frente,  
Algemas, troncos, carrascos...

Sufrimentos, em verdade,  
Não faltam no Mais Além:  
Impedimentos, prisões  
E adversários do bem.

Espíritos infelizes  
Inventam charcos e dores  
Criando painel imenso  
Das *trevas exteriores*.

No entanto, por mais abismos  
A que a pessoa se lança,  
A Lei de Deus determina  
Que a ninguém falte esperança.

Tal qual sabemos na Terra,  
Para além da sepultura,  
O que se tem no caminho  
É aquilo que se procura.

A culpa é desequilíbrio  
Sob impulsos insensatos,  
E a mente resguarda, ao vivo,  
A conta de nossos atos.

O inferno, por isto mesmo,  
Seja ele o mais atroz,  
É o conflito dos conflitos  
Que surgem dentro de nós.

Cada qual transporta em si  
— Do mais crente ao mais ateu, —  
O resultado infalível  
De tudo quanto escolheu.

Por simples anotações  
E ensinamentos gerais,  
Recordarei com você  
Vários casos infernais.



Você lembra a sovínice  
Do fazendeiro Adão Noce,  
Desencarnado, agarrou-se  
Aos sofrimentos da posse.

Querendo vingar o filho  
Enlouqueceu Dona França,  
Mas vive depois da morte  
Atarracada à vingança.

Morreu pisando nos outros,  
Nhô Lino do Lumaréu,  
Sem corpo, mora no barro  
Mas pensa que está no Céu.

Finou-se atracado à gula  
O nosso Antonino Lodi;  
Agora, enxerga a comida,  
Quer tocá-la mas não pode.

Foi-se a tóxicos violentos,  
Juquita de Dona Altina;  
No Além, anda alucinado,  
Reclamando cocaína.

De tanto excesso em bebida  
Morreu Nhô Nico da Alfafa;  
Hoje, vê tudo o que encontra,  
Sob a forma de garrafa.

Morreu Nhô Juca, usurário  
No Roçado da Moenda;  
Mesmo assim, vive ligado  
Nas porteiras da fazenda.

Ódio e briga? Escute esta:  
Desencarnado, o João Fava  
Foi chamado a proteger  
O genro que detestava.

O assunto é isso, meu caro,  
Sem engano e sem *talvez*,  
Só se recolhe da morte  
A vida que a gente fez.

Céu, inferno e purgatório,  
Sejam daí ou daqui,  
Cada pessoa carrega  
O que buscou para si.

## 4 - ASSUNTO DE MEDIUNIDADE



Recebi o seu bilhete,  
Meu caro Juquita Andrade,  
Você quer informações  
Em torno à mediunidade.

Diz você: “Fale, Cornélio,  
Quanto aquilo que pergunto:  
O médium já nasce médium  
Para tal ou qual assunto?”

“O espírito ao reencarnar,  
Vem, por fé, atento a isso,  
Tendo rogado no Além  
Certo campo de serviço?”

Digo a você, caro irmão,  
Tendo raízes na mente,  
Mediunidade no mundo  
É força de toda gente.

Ser médium, por isso mesmo,  
É dom de qualquer pessoa,  
Que se aproveita entre nós,  
Conforme se aperfeiçoa.

Mas muitos irmãos no Além,  
Pedem tarefas dobradas  
Às vezes, para resgate  
Das existências passadas.

Escolhem mediunidade  
Por faixa de apoio e ação,  
Procurando melhoria,  
Progresso e sublimação.

Suplicam lutas enormes,  
Apostolados gigantes,  
Privações e sacrifícios  
Em favor dos semelhantes.

Rogam empregos de santos,  
Em caminhos tentadores,  
Estenderão paz e fé  
À custa das próprias dores.

Depois, na Terra, medindo  
Esforços e oposições,  
Começam fadiga e queixa,  
Recessos e deserções.

Vejo muitos casos tristes  
Que registro, a campo aberto,  
Falências e frustrações  
Que vejo e anoto de perto.

Era médium Dona Branca,  
Renasceu para ajudar,  
Mas vendo o serviço à frente  
Desistiu de trabalhar.



Desde criança era médium  
O nosso amigo Tancredo,  
Porque a tarefa aumentasse  
O rapaz fugiu por medo.

Desenvolveu-se nas curas,  
Nosso amigo Josué,  
Notando o serviço grande,  
Nosso amigo deu no pé.

Era médium na cidade  
A irmã Nicota Rosenda,  
Ampliando-se o trabalho,  
Mudou-se para a fazenda.

Era médium, trabalhava,  
Manoelino de Sofia,  
Mas deixou de casa e centro  
Ao ganhar na loteria.

Pensando em moeda grossa  
O médium Joaquim das Dores,  
Deixou de servir aos guias  
E deu-se aos obsessores.

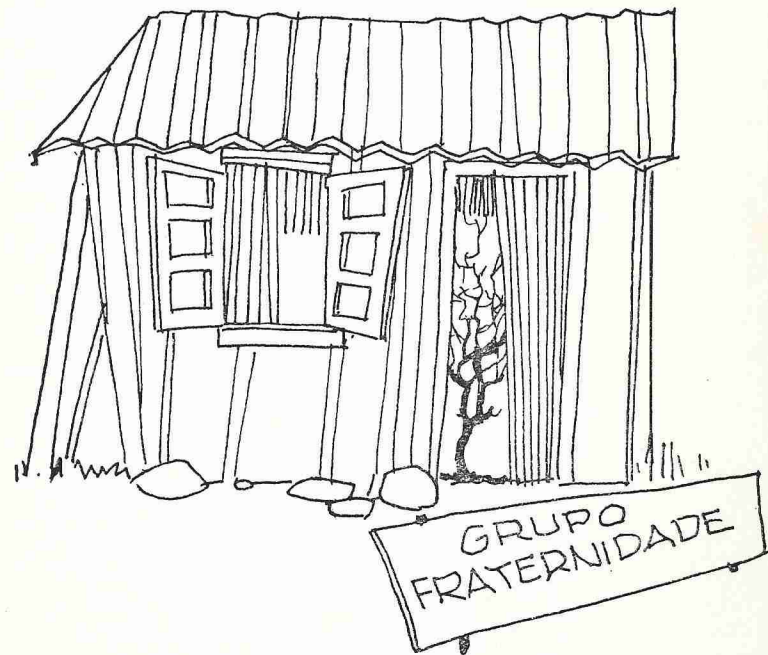
Era médium dedicado  
O amigo Antônio Cascudo,  
Mas desertou, alegando  
Que precisava de estudo.

Por médium, servindo a muitos  
Vi Antonica Beirão,  
Parou logo, declarando  
Que não tinha condição.

E assim o assunto vai indo...  
Muito médium vem e vai,  
Renasce, volve ao serviço,  
Segue e recua, entra e sai...

Mas em Deus, na Criação,  
Não há caminho inseguro...  
Médiuns do bem somos todos  
Em marcha para o futuro.

## 5 - ASSUNTO DE INCOMPREENSÃO



Aqui vai minha resposta,  
Meu caro Lico Assunção,  
Quanto ao que vejo no Além,  
No estudo da incompreensão.

O tema, em si, é tão sério  
Que em toda e qualquer idade,  
A história da incompreensão  
É a história da Humanidade.

Discórdias e dissensões  
Em que o ódio se encastela,  
E a guerra — o horror de milhões, —  
São sombras que vivem nela.

Há quem tome a incompreensão  
Por assunto sem valor,  
No entanto, vejo-a daqui  
Por fluido destruidor.

Nascida da ignorância  
Da Vida Espiritual,  
É a sombra que se condensa  
Gerando a sombra do mal.

Agride, acusa, vergasta,  
Separa, fere, suspeita,  
E quase sempre se oculta  
Por delinqüência perfeita.

Parece um caldo de lodo  
Tocado de força extrema;  
Ne'e, as moléstias do orgulho  
Proliferam sem problema.

Não é só para a doença  
Que essa treva se despacha,  
Onde alguém lhe dê guarida,  
Vai complicando o que acha.

Você recorda o Antonico:  
Vendo a esposa com Porfiro,  
Sem entender-lhes a prosa,  
Matou a mulher num tiro.

Sem saber que Ana ajudava  
Ao pai oculto em Lajão,  
Géo julgando-se enganado,  
Suicidou-se sem razão.

Entretanto, a incompreensão  
Dando força ao que não é,  
Opera com mais destreza  
Nas grandes obras da fé.

Fundou-se o Grupo Fraternal,  
Na Fazenda dos Macacos;  
Incompreensão deu de cima,  
O grupo jogou-se aos cacos.

Era médium das melhores  
Dona Liquita Valença,  
Porque poucos a entendessem  
Largou-se de toda crença.

Era homem de oração  
O nosso Balbino Jece;  
Incompreensão veio a ele,  
O moço fugiu da prece.

Nobres senhoras fizeram  
O Educandário Harmonia;  
Incompreensão revelou-se,  
A escola acabou num dia.

Era bom médium de curas  
O nosso Adalvino Adão  
Incompreendido entre amigos,  
Perdeu-se na obsessão.

Juca era médium servindo  
Numa limpeza sem jaça;  
Recebendo incompreensão,  
Derivou para a cachaça.

Era apontada em missão  
Nossa médium Leodegária;  
Incompreensão veio ao grupo,  
Apagou-se a missionária.

Lia, médium de cabine,  
Produzia voz direta;  
Incompreensão discutiu,  
A moça ficou pateta.

Escrevia lindos textos  
A médium Joana Azevedo;  
Encontrando a incompreensão,  
Fugiu do lápis com medo.

Dedicando a vida aos passes,  
Era grande o João José;  
Escutando a incompreensão,  
O rapaz perdeu a fé.

É isto aí, caro irmão...  
Por tudo o que tenho visto,  
Para curar essa chaga,  
Precisamos mais de Cristo.

Só se cura a incompreensão  
Pela farmácia do bem,  
Formada no amor de Cristo  
Que não despreza a ninguém.

Dos remédios mais aceitos,  
Que não se aplicam em vão,  
São eles: serviço, paz,  
Bondade, apoio, perdão...

Quanto ao mais, tudo se explica,  
Neste conceito comum:  
Incompreensão sem amor  
Arrasa com qualquer um.



# 6 - ASSUNTO DE DISCIPLINA



Você quer saber de nós,  
Meu prezado João Messina,  
Como se anota no Além  
A questão da disciplina.

Tema difícil, — meu caro, —  
Pois disciplina é dever,  
Mas isso, enquanto entre os homens,  
Não é fácil de saber.

Veja conosco: na Terra,  
Sem que a verdade se torça,  
O corpo já lembra em si  
Uma camisa de força.

O mundo é um quadro formoso:  
Mar e Céu, fonte e verdura,  
Pomares, roças, jardins,  
No tempo em rota segura. . .

Mas, por dentro, em cada canto,  
Se o trabalho nos consola,  
Embora a luz que nos cerca,  
O mundo parece escola.

Se vivermos descuidados,  
Deixando as horas em vão,  
Surgem testes retardados  
E lutas de revisão.

A prova que se recusa  
É caminho a desamparo,  
Ensinamento esquecido,  
Mais à frente custa caro.

As casas lembram colégios  
De planos renovadores,  
Os habitantes recordam  
Alunos e professores.

Todo aquele que se esquece  
Do que lhe cabe fazer,  
Descamba no prejuízo,  
Tem sempre muito a perder.

Lembre Antonico do Prado  
Na Fazenda Couro d'Anta:  
Morreu sem necessidade  
Com dois bifés na garganta.

Comia sem disciplina,  
Nosso bravo Altamirão,  
Desencarnou num jantar,  
Com pesada congestão.

Renegando o tratamento  
Depois de uma cirurgia,  
Finou-se Joana, comendo  
Meio pote de ambrosia.

Almoçando esfomeada,  
Lá se foi Nhá Castorinha,  
Depois de engolir sem pausa  
Nove latas de sardinha.

Abusando de chá quente,  
Calinério de Alcobaça,  
De xaropes contra a gripe,  
Mudou-se para a cachaça.

João bebeu pinga com mel  
Quando enfermo na Restinga,  
Já melhor, largou do mel  
Mas nunca largou da pinga.

Você recorda a penúria  
Do Silorico Machado,  
Vivendo sem disciplina,  
Faleceu desempregado.

Para tratar de enxaquecas  
Medicava-se Enfrozina,  
Desrespeitando os remédios,  
Arrasou-se em cocaína.

Gastava como ninguém,  
Nosso rico Adão Mazola,  
Desprezando a disciplina,  
Faleceu pedindo esmola.

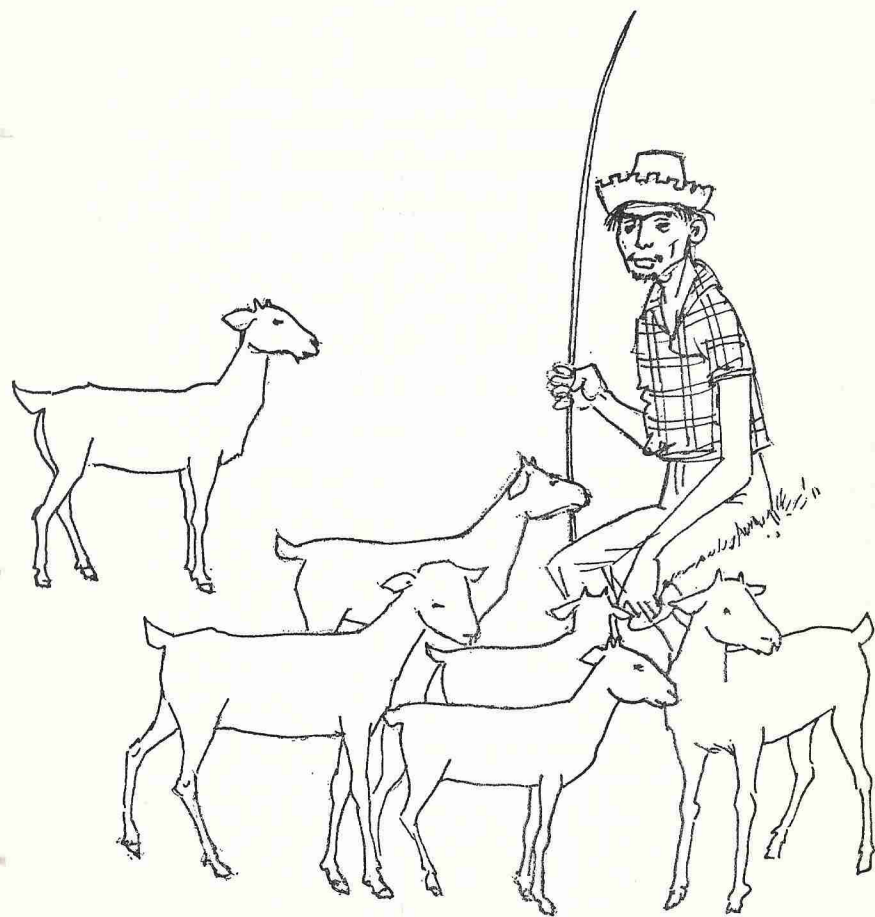
Por bagatela de rua  
Irritava-se Elesbão;  
De tanto se enraivecer,  
Morreu de uma obsessão.

Lembre, nos quadros da Terra  
Que recordamos a dois:  
Onde surge a indisciplina,  
Tribulação vem depois...

Não creia que a morte mude  
Esse caminho ilusório,  
No Além quem não se respeita  
É gente de purgatório.

Discipline, caro amigo,  
Seu tempo, corpo e função...  
Quanto mais ordem na vida,  
Mais vida de elevação.

## 7 - ARTE E ABUSO



Você nos roga notícias,  
Meu caro Arnaldo Gotuzzo,  
Sobre arte além da morte,  
Depois de tombar no abuso.

Arte, em verdade, é missão,  
Que espírito e vida encerra  
Construção de inteligência  
Das mais nobres que há na Terra.

Os artistas, caro amigo,  
Nos caminhos onde estão,  
São companheiros chamados  
A obra de elevação.

Cada um deles no mundo  
Deve em tudo andar atento,  
Para guardar a limpeza  
Na força do pensamento.



Entretanto, — quantos deles!...  
Escondem os dons divinos,  
Nos antigos espinheiros,  
De trevas e desatinos.

No esquecimento corpóreo,  
Muitos que a Terra não conta,  
Se a vaidade os domina  
Vão seguindo, de alma tonta.

Mas na morte, eis que observam  
Os fracassos de alto preço  
E chovem as petições  
Dos cursos de recomeço.

Ruth dançando em aplausos  
Enlouqueceu muita gente...  
Hoje, ela quer renascer  
Carregando um pé doente.

Abusou, de baile em baile,  
Nosso amigo Estanislau...  
Renasceu de pernas duras,  
Lembrando pernas de pau.

Nina arrasou alma e corpo,  
Pintando murais e telas,  
Agora quer vida nova  
Para servir em panelas.

Mentia usando voz linda  
Nosso Nicola Maleta...  
Encontrei-o reencarnado  
Cantando na picareta.

Armênio esculpia pedras,  
E endoidava corações  
Hoje remove calhaus  
Na Fazenda Solimões.

Antonino enfeitçava  
Muita moça em bandolim,  
Hoje ele toca cabritos  
No morro do Gergelim.

Manequim fez muito abuso,  
Maricota dos Castilhos...  
Morreu mas pede outro berço  
Quer ser mãe de quinze filhos.

Morreu bordando calúnias  
Nosso amigo Gil da Glória,  
Hoje, ele quer escrever,  
Mas quase não tem memória.

Arte é recurso sublime,  
Que se deve respeitar,  
Quanto mais dela se abusa  
Mais débitos a pagar.

Arte limpa, caro amigo,  
Nos lares ou nos museus,  
É sempre luz apontando  
Para a grandeza de Deus.

## 8 - ASSUNTO DE BRIGAS



Notas do Além, quanto à brigas,  
Prezada Tereza Marta,  
É aquilo que você pede  
No texto de sua carta.

Existe uma briga boa,  
É aquela de que provém  
A idéia de se fazer  
A paz, o progresso, o bem...

Algun de nós tem um plano  
Para a vida em derredor,  
Surge alguém apresentando  
Um plano muito melhor...

Escutam-se bate-bocas,  
Pareceres diferentes,  
Amarguras momentâneas,  
Companheiros descontentes...

Parece uma tempestade...  
Toda a equipe em convulsão...  
Mas se o bem palpita em todos,  
O conflito não foi vão.

Afirma-se a caridade,  
A tolerância aparece,  
A humildade acende a luz  
No combustível da prece.

Ressurge o clima do amor  
Na paz que se lhe consente,  
A briga deixa de ser  
E o trabalho segue à frente.

Esta é a rixa proveitosa  
Em que o melhor se detém,  
Construindo e restaurando  
Sem prejuízo a ninguém.

Entretanto, o desacordo  
No capricho pessoal  
É sempre invasão das trevas  
Trazendo a força do mal.

Nós mesmos, quanto ao assunto,  
Ao tempo que nos alcança,  
Temos histórias amargas  
Arquivadas na lembrança.

Matilde brigou com Nélia  
Em rumorosa contenda,  
Com três mortes sem razão  
Nos colonos da fazenda.

Zequinha entestou com Lopes  
Disputando bagatela,  
Depois fizeram as pazes...  
Quem morreu foi Felisbela.

Recorde as velhas demandas  
No Rogado da Mutuca...  
Com tiro vai, tiro vem,  
Morreu a filha de Juca.

De tanta luta em família  
Enlouqueceu Dona Irene,  
Ateando fogo em casa  
A jorros de querosene.

De tanto atrito no lar,  
Na Fazenda Serafina,  
Neneco perdeu a casa  
Com fósforo em gasolina.

A briga nas boas obras  
Com problemas de alarmar,  
São outras tantas histórias  
Que precisamos lembrar.

O Centro da Caridade  
Por brigas de Conceição,  
Depois de tanto trabalho  
Acabou de supetão.

O Círculo da Bondade  
Feito por damas de prol,  
Apagou-se pelas brigas  
De Donana do Paiol.

Irmão Nico ergueu o grupo:  
— “A Paz Que Nunca Se Atrasa”, —  
Mas brigou com tanta gente  
Que arrasou a própria casa.

Havia um Grupo de Estudo,  
Na antiga Mata das Flores,  
A briga enrolou a escola  
Em chusmas de obsessores.

Brigava tanto, mas tanto,  
O nosso irmão Nicolau,  
Que após seis anos de prece,  
Transformou-se em bate-pau.

É isso aí, minha irmã,  
No lugar em que estiver,  
Aja muito, fale pouco,  
Faça o melhor que puder.

Quanto ao mais, no dia-a-dia,  
Fique ligada no bem,  
Que a briga, de qualquer modo,  
Não dá camisa a ninguém.

## 9 - ASSUNTO DE DESCANSO





Em carta, você me pede,  
Meu caro Joaquim Picanço,  
Que eu diga do Mais Além,  
O que há sobre descanso.

Diz você: “— Fale, Cornélio,  
Sem exagero e sem corte,  
Que se pensa do repouso  
Na vida depois da morte.”

Olhe, Quincas, de começo  
É meu dever afirmar:  
Se você sente fadiga,  
O remédio é descansar.

Quem serve perdendo forças  
Em ação ou pensamento,  
Precisa, de quando em **quando**,  
Restauração a contento.

Não conheço engenho algum  
Mesmo só quando se arraste,  
Que não espere o socorro  
Da pausa contra o desgaste.

Pense na Terra girando;  
Luz do dia — ação acesa,  
A sombra que envolve a noite  
É o sono da natureza.

Trabalhar no bem de todos,  
De qualquer modo é dever,  
Quem desiste de servir  
Larga o melhor a fazer.

A criatura cai fora,  
Busca sossego e mais nada.  
Depois... é a própria criatura  
Que fica prejudicada.

A grande questão no assunto,  
Exposta, em linhas gerais,  
É a série de prejuízos  
Quando o descanso é demais.

Além da morte, meu caro,  
É que se vê, dia-a-dia,  
Que se vive, sobretudo,  
Nas formas que a mente cria.

Você recorda a preguiça  
Do nosso Antônio Corazza;  
Morreu... mas vive escondido  
Num canto da própria casa.

Viveu Julinha em repouso  
No Roçado da Parede,  
Agora desencarnada,  
Vive atolada na rede.

Recusou qualquer encargo,  
O nosso amigo João Gama,  
Sem corpo, pensa no céu,  
Dormindo de cama em cama.

Sempre fugiu do trabalho  
Nosso caro Ludgero,  
Agora chegou aqui,  
Lutando na estaca zero.

Viveu, por gosto, em poltrona,  
Nossa Lalaia Joaninha,  
Noutra vida quer ação,  
Quer andar, mas não caminha.

Nenhum esforço na Terra  
Apareceu em João Tampa...  
Sem corpo, vê-se nos céus,  
Morando na própria campa.

Viveu parado, mas tanto,  
Nosso amigo Albergaria,  
Que após largar-se do corpo  
Entrou em paralisia.

Desencarnado em preguiça,  
O nosso Juca Dirceu,  
Vive xingando o serviço  
Estirado num museu.

É isso aí, caro amigo,  
Não fuja da luta boa,  
Se você quer melhorar  
Não queira descanso à-toa.

Todos temos dons na vida  
Para servir e aprender,  
Mas quem não queira trabalho  
Que progresso pode ter?

O tempo é assim como o Sol  
Que segue fazendo o bem;  
Brilha, passa e ajuda a todos  
Mas não espera ninguém.

## 10 - ASSUNTO ENTRE AMIGOS



Em carta, você pergunta,  
Meu caro Tarcísio Roca,  
Como se enxerga do Além  
Os problemas da fofoca.

Fofoca, ao que me parece,  
Se estou certo na lembrança  
Pela voz do dicionário,  
Era roupa de criança.

Agora, fofoca é isto:  
Uma praga que caminha,  
Maledicência que nasce  
De cabeça miudinha.

Sabe você: ninguém passa  
Sem assuntos escolhidos,  
Que só se deve explicar  
Da boca para os ouvidos.

De afeição para afeição,  
Em algum canto da sala,  
Quanta lição de família,  
Quanta luz no que se fala!...

Em meio da luta humana  
De nossa terrestre escola,  
A confiança entre amigos  
Anima, ampara, consola...

Mas a fofoca, meu caro,  
No lugar onde se ajeita,  
Pelo conceito de agora  
É sempre a intriga perfeita.

Se a vemos do Além? De certo...  
É uma sombra indefinida  
Que se enrola ou se distende,  
Lançando estragos à vida.

Faz-se garra, pedra, nuvem...  
Faz-se monstro ou veneninho...  
Em muita perturbação,  
Fofoca vive em caminho...

Você conhece de sobra,  
As lutas do *leva-e-traz*,  
Notemos algumas delas  
Em nossa busca de paz.

Lilia da Conceição,  
Exagerava o que via;  
Temos três lares em guerra,  
Por fofoca de Lilia.

Ouvindo a nora sem vê-la,  
Falando a um gato do Enoque,  
O sogro fez a malícia,  
O filho morreu de choque.



Havia um Centro de Amparo  
No Sítio do João Vilhena,  
Quando a fofoca surgiu,  
A obra saiu de cena.

Recorde o Grupo das Preces!...  
Intriga de Aninha Rosa,  
Destruiu a confiança,  
Pôs o grupo em polvorosa.

Tião servia... Era médium  
No Centro de Irmã Clarissa,  
Fofoca envolveu Tião,  
Tião morreu na preguiça.

Lembre a Casa da Bondade!...  
Fofoca entrou em função,  
Acabou-se a caridade,  
Começou a confusão.

Ana orava e dava passes  
No Grupo da Irmã Josefa,  
A fofoca apareceu,  
Ana deixou a tarefa.

Joel era pregador  
No Templo do Irmão Nazário,  
A fofoca trabalhou,  
Lá se foi o missionário.

Só se falava de Deus  
No Grupo do Irmão José,  
A fofoca deu de cima,  
O povo perdeu a fé.

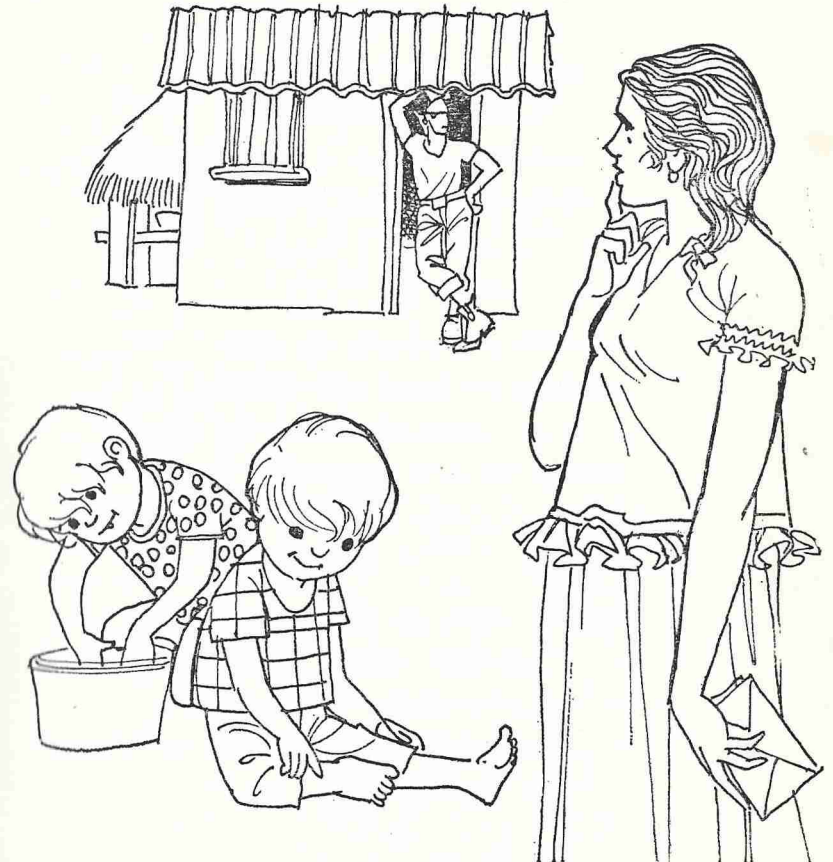
Caíam bênçãos e luzes,  
No Grupo da Irmã Zozora,  
Fofoca falou em fraude,  
O grupo morreu na hora.

Onde fofoca se instala,  
O remate é sempre assim:  
Desconfiança aparece,  
A união tomba no fim.

Se você quer trabalhar  
No alto dever do Bem,  
Perdoe, ampare, auxilie...  
Não pense mal de ninguém.

Silêncio e prece — eis a dupla  
Que fofoca não desata...  
Guarde essa dupla consigo,  
Que fofoca também mata.

# 11 - COMPROMISSO E UNIÃO



Quer você, prezada Zina,  
Dar-se ao desquite comum,  
No entanto, você deseja  
Agir sem remorso algum.

E afirma: “Diga, Cornélio,  
Diga o que posso fazer,  
Tenho a mente atribulada  
Entre a vontade e o dever.

Além de esposa, sou mãe...  
Tenho dois filhos em casa...  
Mas o marido infiel  
É a provação que me arrasa!...

Dos ensinamentos de outro mundo,  
Dê-me alguma diretriz,  
Acolha fraternalmente  
O apelo desta infeliz!...”

Não se sinta, minha irmã,  
Desditosa ou desprezada;  
Lembre: o Sol abraça a todos,  
Do monte às pedras da estrada.

Na essência, prezada Zina,  
O caso é assim, qual se vê:  
Qualquer deliberação  
Pertence, em tudo, a você.

Sociedades e grupos  
São destinados, ao Bem,  
Deus não cria mal nenhum,  
Nem cativo a ninguém.

Mas Deus nos fez de tal modo  
Que a Lei, por todos os lados,  
Emancipa as decisões,  
E analisa os resultados.

Se possível, entretanto,  
Estude esta simples nota:  
Quase sempre o esposo é um filho  
Que a esposa protege e adota.

Muita vez antes do berço,  
Pedimos no Grande Além,  
Enlace em luta na Terra  
Em favor da paz de alguém.

O Céu nos ouve o pedido,  
Tornamos à vida nova,  
Querendo agir por servir,  
Nosso amor é posto à prova.

Como atender à tarefa  
Sem sacrifício no lar?  
Amor é somente amor,  
Nada tem a reclamar.

De outras vezes, ligação  
Em fogo, martírio e chaga,  
É o resgate progressivo  
Do débito que se paga.

Em toda prova, no entanto,  
O amor é uma luz sublime,  
No trabalho, faz-se escola,  
No sofrimento, redime.

Querida irmã, pense nisso:  
Amor é abnegação,  
Insista no amor. Não fuja  
Aos laços do coração.

## 12 - CONFLITO E NÓS



“Por que, meu caro Cornélio”, —  
— Diz você, meu caro Cunha, —  
“Em matéria de conflito  
Tanta gente se acabrunha?

A você, hoje no Além,  
Vendo as cousas como são,  
Pergunto: por que nos homens,  
Há tanta contradição?

Esbarro, por toda parte,  
Neste enigma violento:  
Quase ninguém traz na face  
O que traz no pensamento!...

Que se vê, depois da morte,  
Quanto ao que temos aqui,  
No processo em que a pessoa  
Vive a lutar contra si”?!...



Expõe você, com razão,  
A este seu companheiro  
Este enorme desafio  
Que atormenta o mundo inteiro...

O fato, na essência, é isto:  
Tanta presença da dor  
É a dívida apresentada  
Ao senso do devedor.

Anote: em face da vida,  
O espírito acerta e erra;  
Se a Terra é o lugar do erro,  
A corrigenda é na Terra.

Muito espírito culpado,  
Na mágoa em que se reprova,  
No Além pede novo corpo  
E emendas em vida nova.

Quando se roga o socorro  
A compreensão é perfeita,  
Mas, depois quando entre os homens  
Muita gente não aceita.

A intervenção vem de Deus,  
Mas se a pessoa resiste,  
É aquilo que vimos sempre:  
Muita luta em quadro triste.

Noutra vida em muita dança,  
Culpou-se a nossa Lelé...  
Ela agora quer dançar,  
Mas tem doença no pé.

Lisbelina, no passado,  
Fez os abortos que quis,  
Hoje tem lar, mas sem filhos  
Senhora nobre e infeliz.

Noutra época, Cesaria,  
Foi linda e astuta mulher,  
Agora em nova existência  
Tem o corpo que não quer.

Em vida passada, o Juca  
Do sexo fez leilão,  
Tem agora o resultado:  
Angústia e insatisfação.

Fez muito abuso no afeto  
Juvenal do Chafariz,  
Hoje tem corpo incapaz  
De casamento feliz.

Cantora arruinando lares,  
Foi Gina de Casa Santa...  
Renasceu... Quer ser cantora  
Mas tem calos na garganta.

Viveu dormindo nos copos  
O nosso Ramiro Fraga,  
Renasceu, doente em luta,  
Trazendo o estômago em chaga.

Foi bela, mas foi maldosa  
A nossa Amélia Ventura,  
Renascida, tem achaques  
Que a medicina não cura.

Téo arrasou muitas jovens,  
Dizendo querer e amar,  
Hoje, ele tem casa grande  
Mas nota que não tem lar.

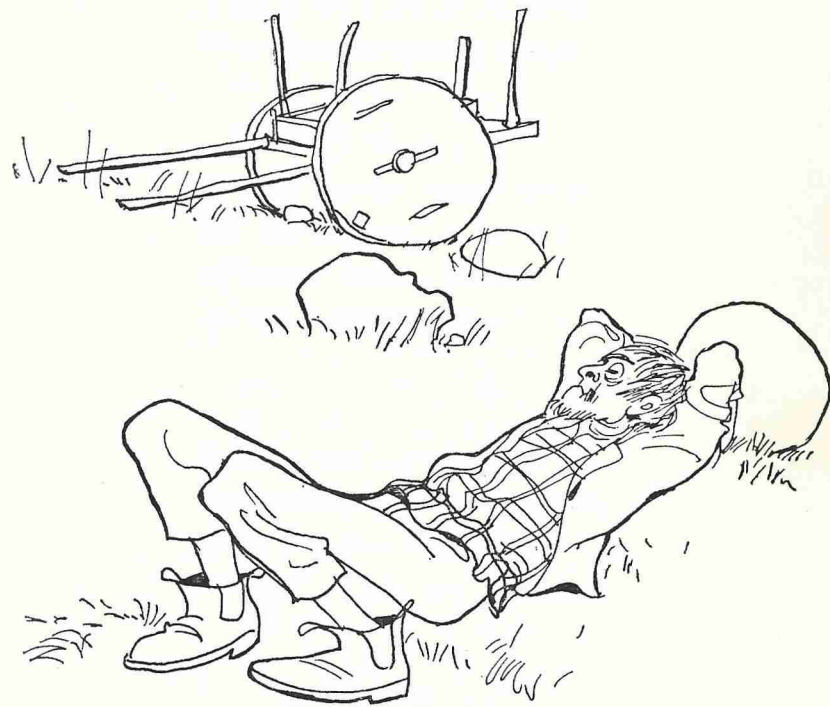
Era belo o nosso Arício  
Endoidando corações...  
Morreu... E nasceu de novo,  
Em velha tribo de anões.

Observa-se, em verdade:  
Conflito não surge em vão...  
É defesa tratamento,  
Remédio, apoio, lição.

Reencarnar-se, só por si,  
Buscando a luz que nos falta,  
—Ser alma e corpo a um só tempo —,  
É conflito em dose alta.

A vida é um mar... Somos barcos,  
Os outros, você e eu...  
Cada qual segue levando  
A carga que recolheu.

## 13 - CORPO TERRESTRE



Caro Mateus, sua carta  
Que tanto carinho encerra  
Pergunta o que penso agora  
Em torno ao corpo da Terra.

Pergunta muito importante  
A sua pergunta amiga,  
Traz à baila em nosso estudo  
Uma questão muito antiga.

Não sei porque tantos sábios  
Em tempos que já se vão,  
Atiravam sobre o corpo,  
Injúria e condenação.

Muita gente acreditava  
Que desde a infância à velhice,  
Fosse o corpo responsável  
Por todo o mal que se visse.

No entanto, estragar o corpo,  
A pretexto de elevar-se,  
É um erro sem contradita,  
Contrasenso sem disfarce.

Não se vê em parte alguma  
Em qualquer desastre à vista,  
Um carro a desgovernar-se,  
Agindo sem motorista.

Por outro lado se um carro  
Vive encostado e sem nome  
É um corpo desabitado,  
Que o pó vergasta e consome.

Na escola da evolução,  
O corpo é cabine ou cela...  
A evolução traz a luz,  
Ninguém avança sem ela.

Por menosprezo do corpo  
E obrigação esquecida,  
Em todo lugar do mundo  
Muita gente perde a vida.

Recorde a nossa Laurinda,  
Quis viver só de jejum,  
Padeceu sem precisão,  
Morreu sem proveito algum.

Andando em maceração  
Para ser feliz no Além  
Teve morte prematura  
Dona Zilica Belém.

Gina ao dizer-se com Deus,  
Vivia de manga e jaca,  
Por fim no instante da morte  
Pedia carne de vaca.

Afirmando-se em virtude,  
Castigava-se o Clemente,  
Um dia largou-se ao mundo,  
Assustando a muita gente.

Em sacrifício por nada,  
O nosso Lico Sertório  
Dizia buscar o Céu  
E acabou no sanatório.

Alegando crença e regra  
O nosso amigo Apulêio,  
Condenava o próprio banho...  
Morreu por falta de asseio.

Julgando-se em perfeição,  
O nosso Anísio Amorim,  
Começou passando fome,  
Morreu comendo capim.

Em pregações contra o corpo  
Viveu Sinhana Tereza,  
Passou muita privação  
E arrasou-se na fraqueza...

O corpo sem disciplina  
Sofre desvios fatais,  
Mas o freio é bom amigo  
Sem ser aperto demais.

Diz a Lei por toda parte  
De forma clara e concisa:  
Cada pessoa no mundo  
Tem o corpo que precisa.

Quanto ao mais nessa matéria,  
Atenda, caro Mateus:  
Guarde o corpo com cuidado  
Que o corpo é bênção de Deus.



# 14 - DINHEIRO E VIDA



Você deseja saber  
Meu caro Juca Monteiro  
O que pensamos no Além  
Sobre assuntos de dinheiro.

Encontrei muito interesse  
Em sua clara consulta  
Pois dinheiro, caro amigo,  
Tem muita lição oculta.

Sabe você: muita gente  
Com despeito e palavrão,  
Quando se fala em fortuna,  
Estende condenação.

Mas essa gente da inveja  
É sempre estranha e infeliz,  
Se vê dinheiro no bolso  
Esquece logo o que diz.

Quando está na pindaíba  
Clama de verbo seguro,  
Se melhora de finança  
É mão fechada e pão duro.

Sabemos que inveja é isto:  
A costumeira manobra  
De quem grita contra os outros  
E quer moeda de sobra.

Dinheiro, porém, no fundo,  
Expressando compromisso,  
Pode ser considerado  
Alavanca de serviço.

Todo o perigo no assunto  
Vem da treva que domina  
O coração da pessoa  
Ambiciosa e sovina.

Dinheiro no esconderijo  
Sem proveito e sem ação,  
É o que provoca delírio,  
Dureza e perturbação.

Recorde Tino Pulquério,  
Era agarrado na cruz,  
Ganhando a herança da esposa,  
Não quer saber de Jesus.

Quinquim era um médium simples  
Num centro em Natividade,  
Acertou na loteria,  
Negou a mediunidade.

Era bom pai, bom esposo,  
Liliu da Cacimba Rasa,  
Ganhando dinheiro em penca  
O moço deixou a casa.

Noé comentava a Bíblia,  
— Que crença viva em Noé!... —  
Casando com moça rica,  
O rapaz perdeu a fé.

Só falava em Jesus Cristo  
Dona Lia Conceição,  
Rica por morte de um tio,  
Largou a religião.

Era bom médium de passes,  
Antônio de Dona Alice,  
Ao tornar-se fazendeiro,  
Fala que passe é tolice.

Recorde Joaquim da Mata,  
O filho de Nhá Coleta,  
Por uma questão de herança,  
Arrasou a própria neta.

Nunca reprove o dinheiro,  
Dinheiro por si encerra,  
Sempre que bem conduzido,  
A força do Céu na Terra.

Desequilíbrio e maldade,  
Sombras tristes tais quais são,  
Só aparecem no ouro  
Escravizado à ambição.

A finança que se mostra  
No serviço e na bondade,  
Faz-se apoio do progresso  
E apoio da caridade.

A moeda que circula,  
Seja entre crentes e ateus,  
Naquilo que representa  
É sempre bênção de Deus.

# 15 - DOENÇA E DEFESA



Vão aqui algumas notas,  
Meu caro Ce'lo Proença,  
As notas de muito pouco  
Do que sei sobre doença.

Esta verdade sabida  
Não se deixa para trás:  
Cada pessoa na vida  
Encontra aquilo que faz.

Cada qual colhe o que planta,  
— Eis o ponto a que me alinho.  
Cada um colhe no tempo  
O que deixou no caminho.

Temos nós neste princípio  
Sem que ninguém o degrade  
A chave de solução  
Aos casos de enfermidade.



Na Terra, muita moléstia, —  
Posso afirmar sem receio, —  
Nasce da gula sem pausa  
Ou vem da falta de asseio.

Mas, no mundo, certos males,  
Dos mais teimosos que temos,  
Por escoras defensivas,  
Somos nós que os requeremos.

Noto aqui, de muito perto,  
Almas cansadas e aflitas,  
Lutas, juízes, processos  
E petições esquisitas.

A quem se veja por dentro  
E a graves penas se arrime,  
Rogando mutilações  
Em que se afaste do crime.

Muita gente que acendia,  
Guerra, conflito, fogueira,  
Suplica berço em penúria  
Na provação da cegueira.

Os corações que traíram  
As afeições do passado  
Rogam corpo em que se vejam  
De sexo torturado.

Quem procurava escutar  
Em louvor da insensatez,  
Pede problemas difíceis  
Na condição da surdez.

Alcoólatras delinquentes  
Sob remorso profundo,  
Rogam rins destrambelhados  
Que os façam sóbrios no mundo.

Muita gente de outras eras  
Que de ódio se nutria,  
Encontro pedindo berço  
Na prova da idiotia.

Quem cultivava discórdia,  
Criando trevas no estudo,  
Solicita internação  
Em corpo débil e mudo.

Pense, meu caro, e verá  
Sem raciocínios extremos:  
Doença que não se arreda  
É a ficha do que fizemos,

Parece contradição,  
Mas isto é de lei segura:  
A culpa que se contrai  
É só doença que cura.

## 16 - MISSÃO E DÍVIDA



Recebi a sua carta,  
Meu caro Joaquim Pilar,  
A respeito de missão  
Tenho uma história a contar.

Renasceu Juca Cirino  
Em Roça de Sapecados,  
Para fazer um refúgio  
De apoio aos necessitados.

Muito jovem, registrou  
Num círculo de oração,  
Que havia voltado à Terra  
Para estar nessa missão.

O Espírito Mensageiro  
Disse a ele: "Irmão Cirino,  
Atenda à sua tarefa,  
O seu encargo é divino".

Juca logo prometeu  
Que teria empenho nisso,  
Faria o lar de socorro,  
No campo do compromisso.

Comentou o revelado,  
Falando em plano graúdo,  
Mas alegou que primeiro  
Precisaria de estudo.

Ganhou anel e diploma,  
Subiu a grande lugar,  
Entretanto, acrescentou  
Que deveria casar.

Em seguida ao matrimônio  
Cirino ganhou dois filhos;  
Na idéia do missionário  
Eram novos empecilhos.

Agora, dizia ele,  
Para viver, a contento,  
Necessitava encontrar  
Mais força de rendimento.

Cirino clamava em choro:  
Era a cobrança de esola,  
Era a esposa adoentada,  
Era menino na escola;

Eram notas do armazém  
Com pagamento à vista,  
As despesas da farmácia,  
As prestações ao dentista;

O pagamento da casa  
A preço que desatina,  
O carro para conserto,  
O preço da gasolina;

Era a pia arrebetada,  
E os defeitos do chuveiro,  
A casa, de ponta a ponta,  
Exigia mais dinheiro.

Se alguém indagasse dele  
Pelo futuro da obra,  
Respondia que esperava  
Finança e tempo de sobra.

Quando os filhos se casaram,  
Moços de anseios corretos,  
Agora, Juca, mais livre  
Passou a prender-se aos netos.

Procurando novos ganhos  
Lutava dias inteiros,  
Dizia necessitar  
De apoio firme aos herdeiros...

O tempo corria sempre,  
Qual fonte que se desata,  
Cirino tinha a cabeça  
Toda vestida de prata.

Quase aos oitenta janeiros,  
Relembrava os tempos idos  
E seguia prometendo  
Um lar para os desvalidos.

Um dia, chegou a morte  
E chamou Juca à razão...  
Cirino rogou mais tempo  
No entanto, pediu em vão.

Falou nos planos do lar,  
Não desejava descanso,  
Mas disse a morte: "seu tempo  
Fechou-se para balanço.

Agora, meu caro irmão,  
É a mudança definida,  
Seu plano de caridade  
Deve aguardar outra vida”.

E Cirino lá se foi...  
É isso, caro Joaquim,  
Quem não faz seu próprio tempo  
Acha cuidados sem fim.

E quem foge ao prometido,  
Caminha sempre sem paz...  
Onde está o devedor,  
O débito vai atrás.

## 17 - OBSESSÃO NO ALÉM





Deseja você saber,  
Meu caro Amarílio Sá  
O que há na obsessão  
Vista do Lado de Cá.

Posso informar a você  
Que estes casos tais quais são  
Seja na Terra ou no Além,  
São assuntos de paixão.

O ódio é amor selvagem,  
No que exige e não alcança,  
Afeto quando egoísta  
Insatisfeito é vingança.

Orgulho é amor a si mesmo,  
De maneira desastrada,  
Ciúme — amor possessivo  
Que fere a pessoa amada.

Vaidade — amor ao poder,  
Na indiferença ante o bem,  
Opinião que domina  
E não atende a ninguém.

Desencarnando na Terra  
Estamos por dentro a sós,  
Por isto, a morte revela  
O que trazemos em nós.

Espírito libertado  
Sem dúvida e sem talvez,  
De imediato no Além,  
Está naquilo que fez.

Em razão disto, meu caro,  
Céu ou luz, algema ou lama,  
Desencarnando a pessoa  
Tem aquilo que mais ama.

Há quem se agarre com gente,  
Com sítios, nomes, partidos,  
Empresas, casas, remorsos  
E sombras de tempos idos.

São muitos os casos tristes  
Nessa larga desventura,  
Porque a lei manda se ache  
Aquilo que se procura.

Você recorda João Nico,  
Envenenou Maristela,  
Morreu mas vive na roça,  
Chorando na casa dela.

Perfurado por Toninho  
Finou-se Joaquim da Torra,  
Mas Joaquim desesperado  
Vive atolado em desforra.

Caçava como ninguém  
Nosso amigo Merengueiro,  
Largando o corpo na Terra,  
Anda atrás do perdigueiro.

Nicósio viveu colado  
A grande barril de pinga,  
Morreu e bebe sem pausa,  
E grita, blasfema e xinga.

Sempre agarrada a conforto  
Faleceu Joaquina Frazza,  
Mas vive atrelada à cama  
E espanta o povo da casa.

Escravizado à fazenda,  
Quintino de Maritacas,  
Sem corpo, vive no campo,  
Cuidando de bois e vacas.

Presa à tarefas de granja,  
Desencarnou Mariquinhas...  
De tanto gostar de frangos  
Vive assombrando as galinhas.

Ligado às antigüidades  
Lá se foi Marcos Dirceu,  
Hoje encontrei-o na sombra:  
É um fantasma de museu.

Obsessão, meu amigo,  
Traçada em linhas gerais,  
É sempre desequilíbrio  
No apego quando é demais.

No assunto, lembre Jesus  
Na luminosa lição:  
— “Onde se guarda um tesouro,  
Tem-se aí o coração”.

# 18 - QUESTÃO DE MEDIUNIDADE



Você deseja saber,  
Meu caro Luiz Trindade,  
O que se sabe no Além  
Em torno à mediunidade.

Diz você: "Fale, Cornélio,  
O que há com meu bestunto,  
Onde estou não mais entendo  
Tanto espinho neste assunto.

Você talvez do outro mundo  
Notará como me sinto,  
Sou médium encarcerado  
Nas sombras de um labirinto.

Sei que a vida, após a morte  
Lembra o Sol à nossa frente,  
Mas de médium para médium,  
Eis que a luz é diferente.

Sendo a verdade uma só  
Por que isto, meu amigo?  
Resolvo muitos problemas  
E este agora, não consigo!...”

Recorde, Trindade, a usina:  
É um só poder gerador  
Mas as lâmpadas variam  
De grau, de formato e cor.

Assim, na mediunidade,  
Segundo se vê do Além,  
Cada pessoa trabalha  
Conforme o campo que tem.

E as diferenças existem  
Por esta razão comum:  
Progresso de qualidade  
Depende de cada um.

Até que o mundo fabrique  
Um *robô-médium* perfeito,  
As falhas que registramos  
Seguirão do mesmo jeito.

Milhares de companheiros,  
Voltando à Terra em serviço,  
Suplicam mediunidade  
Em ação de compromisso.

Garantem apostolados,  
Fazem votos e promessas,  
Depois, ocupando o corpo,  
Pensam no mundo às avessas.

Nem todos agem assim,  
Entretanto, a maioria,  
Vendo serviço a fazer  
Descamba na correria.



Era médium nosso Quincas,  
Vivia em brasas de fé,  
Quando o serviço aumentou  
Simplesmente deu no pé.

Começou fazendo curas  
Nosso amigo Lino Guerra,  
Doentes foram chegando  
O rapaz mudou de terra.

Preso à tarefa crescente,  
O nosso Quintino Taco,  
Largou-se do movimento,  
Dizendo ser pobre e fraco.

Largando a tarefa grande  
O nosso Antônio Escobar,  
Declarou-se escrupuloso,  
Com medo de trabalhar.

Janjão começou no lápis,  
Médium do Sítio de Dentro,  
As mensagens progrediram  
O moço fugiu do Centro.

Era médium de altos dotes  
Gina de Juca Lobão,  
Desposando um milionário  
Gina esqueceu a missão.

Receando sacrifício,  
A médium Maria Bela  
Deixou o grupo alegando  
Que as mensagens eram dela.

Passista de grande porte,  
Era Lídio de Itaúna,  
Ganhando antiga fazenda  
Trocou-se pela fortuna.

Desistindo de servir,  
Disse a médium Conceição  
Que só achava no mundo  
Pouco caso e ingratidão.

Eis o assunto como exponho,  
Questão claramente aberta,  
Mas que ninguém se aborreça,  
Que o tempo tudo conserta.

Sigamos no dia-a-dia,  
Sem crítica e sem pesar,  
Em favor da melhoria,  
Vamos todos trabalhar.

## 19 - QUESTÃO DE SORTE



Respondo a sua pergunta  
Caro Juca Penaforte,  
Quanto ao que penso na Além  
Do que aceitamos por sorte.

Sorte, meu caro, na essência,  
É aquela força tenaz  
Que surge e vive conosco  
Daquilo que a gente faz.

Repetimos comumente:  
— “Sorte má, sorte feliz...”  
Sem ver que o dono da sorte  
Encontrou o que mais quis.

A vida é um campo infinito,  
O tempo é terreno igual,  
Nossos atos são sementes  
Produzindo bem ou mal.

Um pensamento, um projeto,  
Algum gesto pequenino...  
Depois... palavras e ações  
Apresentando um destino.

Quanto queira, estude a sorte  
Por predição ou baralho,  
Mas ouça: fazer a sorte  
Nunca dispensa o trabalho.

Quanto à sorte generosa,  
Como se quer entender,  
A direção que se tome  
É a nota que vai dizer.

Não fique aguardando o tempo,  
Todo tempo vai-se embora,  
Na criação que se faça,  
O tempo chama-se *agora*.

Pessoa parada sempre  
Deixando o tempo passar  
Sem gastar-se por servir  
Que não se queixe do azar.

Recorde: só via ouro  
O nosso amigo Aristeu,  
Acabando-se a fortuna,  
Teve a luta que escolheu.

Largou-se de todo encargo  
O nosso amigo João Massa,  
Depois não soube viver  
Senão em sono e cachaça.

Lembre Donana... Era ativa  
Mas sempre em grito e querela  
Por fim, morreu solitária,  
O povo fugia dela.

Abrahão era obreiro firme  
Mas áspero e respondão...  
O resultado foi este:  
Ninguém gostava de Abrahão.

Lilia quando empregada,  
Cultivava a rebeldia,  
Vimos nós em pouco tempo  
Dez demissões de Lilia.

Por reclamar e ferir  
O nosso Adalberto Fava  
Nunca teve boa sorte  
Nas empresas que criava.

Vitorino o costureiro,  
Pôs tanto apêrto no ensino,  
Que não se viu mais ninguém  
Nas aulas do Vitorino.

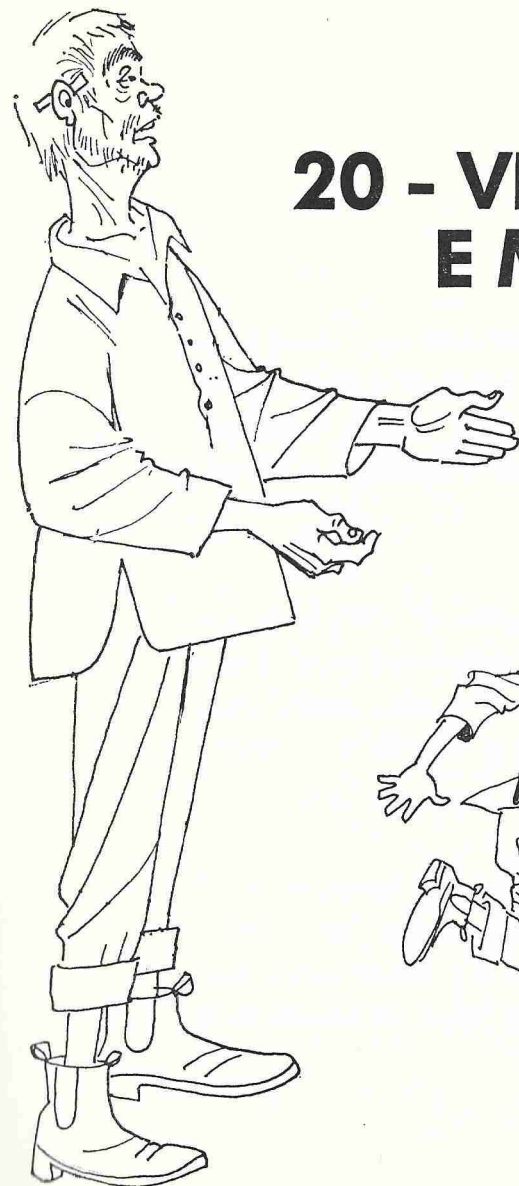
João da Extrema quis casar-se,  
Mas dava tanto problema  
Que não houve moça alguma  
Que quisesse João da Extrema.

Dona Rita, grande dama,  
Sempre nervosa e esquisita...  
Anote: ninguém parava  
Na casa de Dona Rita.

É isso aí, caro amigo,  
Digamos em alta voz:  
Deus nos cria o tempo e a vida,  
A sorte fazemos nós.

Em todo lugar do mundo,  
Serviço é o melhor troféu,  
Não busque o favor da sorte,  
Que a sorte não cai do Céu.

# 20 - VIVOS E MORTOS





Você meu caro Antonino,  
Pergunta com seus cuidados  
Por que se faz tão difícil  
Ouvir os *mortos* amados.

E acentua: — “Sempre tive  
Muitos amigos no Além,  
Entretanto, peço, peço...  
Chamo e não vejo ninguém.

Que dizer Cornélio amigo,  
Desta busca inacabada?  
Faço preces, grito nomes,  
Depois... é silêncio e nada”...

Entendo prezado amigo,  
Toda a sua inquietação,  
Mas ouça: somos quais somos  
E as cousas são como são!...

Tudo espera tempo próprio  
Onde o melhor se processa...  
A verdade surge aos poucos  
Sem ocupar-se da pressa.

Atendendo à luta humana,  
Que dá tanto que pensar  
O homem, ao pé da morte,  
Raciocina devagar.

Por outro lado, as idéias,  
Que a Terra criou no caso,  
Nas portas do grande assunto  
Despejou montões de atraso.

No mundo, lembra-se a morte,  
E temos pessoas pasmas,  
Falando em luto, agonia,  
Cinzas, pedras e fantasmas!...

Isso cria tanto entrave,  
Tanta sombra e tanta trica,  
Que os vivos do Além não acham  
A ligação com quem fica.

Basta que um *morto* qualquer  
Dê sinal ou reapareça  
E alongam-se fantasias  
Tisnando muita cabeça.

Recorde: Joana, a viúva  
Do Marciano Toledo  
Chamava o esposo e ele vindo  
A moça tombou de medo.

Tonho quis ver o irmão morto  
E ao tê-lo junto de si,  
Gritou e caiu de susto  
Na estrada de Mandaqui.

Desejou ver o pai morto  
O nosso amigo Aristeu,  
Um dia, o rapaz, ao vê-lo,  
Desmaiou e adoeceu.

Após a morte do tio  
Totó buscava encontrá-lo,  
Notando o tio na roça  
Totó caiu do cavalo.

Marina chamava o esposo,  
O falecido Teotônio,  
Vendo o marido, a mulher  
Dizia que era o demônio.

Júlia pedia ao marido  
Auxílio num grande apuro,  
O finado apareceu  
Ela rezou no esconjuro.

Sabino encontrou em prece  
Um irmão já desencarnado,  
Gritou, chorou... Depois disse  
Que estivera alucinado.

Perdeu Silvino a mulher...  
Quis vê-la, a Dona Ceição,  
Tendo a esposa junto dele  
Clamou que era assombração.

Zelão contou haver visto  
A noiva desencarnada...  
Chorou, mas disse, em seguida,  
Que era tudo patacoada.

Chamava o esposo, a Cecília,  
Mulher do Janjão Salerno,  
Vendo o finado, a viúva  
Mandou Janjão para o inferno.

Doca chamava o pai morto  
Em frases de imenso amor...  
Quando o pai voltou a ela,  
Falou que era obsessor.

Ante os problemas da morte  
São muitos tropeços juntos,  
E a verdade pede ao tempo  
Que lhe prepare os assuntos...

Não se agaste, caro irmão,  
O mundo é um contraste em si:  
Os vivos buscando os mortos  
E os mortos andando aí!...

